



COLÉGIO NAVAL: O INÍCIO DE UMA EPOPEIA

70 anos da Turma José Humberto de Farias - CN 53 e EN 55

Basilio V. Dagnino*

1952

Muitos de nós talvez não tivessem certeza se tinham escolhido a profissão certa. Alguns dizem que foi o anúncio na revista *O Cruzeiro*, com aquele lindo veleiro singrando os mares, com a promessa em destaque, algo como "Entre na Marinha e conheça o mundo!"

1953

Já a viagem no Contratorpedeiro pode ter esmorecido o entusiasmo de muitos. Com longas horas na derrota (no bom sentido!) do Rio até Angra, o navio jogando com aquele cheiro de óleo vindo da praça de máquinas misturado com o odor da cozinha, fizeram tremer muitos dos quase futuros marinheiros. A mareada foi certamente a primeira de muitas para muitos, antes da invenção da providencial Dramamina.

Era o tempo do requerimento usando papel almaço (alguém se lembra?), e se alguém tivesse trazido uma grossa, teria distribuído quase todas as folhas.

Enfim chegamos a Angra. A primeira formatura foi no cais do porto, a turma usando os trajes dos mais variados, alguns até de paletó e gravata.

Depois veio a longa caminhada, começando uma subida pela antiga estrada, carregando aquelas pesadas malas do enxoval requerido.

A chegada na Enseada Batista das Neves e a visão do lindo prédio do Colégio Naval foi a recompensa de tanto esforço em cursos preparatórios, provas de admissão, exames médicos e da viagem. A torre do relógio, o campo de esportes sem a piscina de hoje (a aula de natação era em mar aberto), o ginásio com o cinema, missa aos domingos e até um show do teatro de revistas.

A cantina, os alojamentos, as rotundas (o banho sem água quente no inverno era duro), as salas de aula, o refeitório, o pátio interno, o Grêmio Literário e biblioteca, enfim, são muitas as recordações.





A rotina diária se iniciava com alvorada às 6 da manhã (5h30 no verão, com ginástica matutina), café da manhã, aulas, almoço, mais aulas, recreação, estudo e silêncio, muitos anunciados pelo corneteiro no fonoclama. E a ordem unida não podia faltar.

A recepção calorosa do comandante, oficiais e veteranos e o início da rotina de identificação, distribuição de uniformes (o sargento dizia: “se estiver grande encolhe, se for pequeno estica na lavagem”), recebimento de informações sobre a rotina, até que o dia a dia da ginástica matutina, das aulas e do estudo, do rancho etc. foi entrando no automático.

Fato marcante foi a viagem no “Guanabara”, verdadeiro batismo dos futuros oficiais. As lembranças são muitas, a começar pelo serviço no cesto de gávea, subindo aquelas ameaçadoras enxárcias, para nós todos uma novidade qual se fosse um desafio, e sem Equipamento de Proteção Individual (EPI)! Lá do alto a vertical era a impressionante visão do mar, com a banda típica de um veleiro. A manobra das vergas para orientar as velas na direção do vento e no leme era no braço, o banho era de água salgada, a lona e areia no convés de madeira é uma tradição, enfim tudo era novo para os marinheiros de primeira viagem.



Certamente não nos arrependemos. Com a rígida formação militar e a orientação dos oficiais, a qualidade da educação propiciada pelos excelentes mestres (muitas vezes referidos pelos seus ditos curiosos ou espirituosos, sotaque ou técnicas de ensino diferenciadas, simpatia e empatia com a turma etc.), a camaradagem e o companheirismo, a Turma José Humberto de Farias superou todos os obstáculos, e aqui estamos. Pena que algumas baixas sentidas aconteceram ao longo dessas dezenas de anos, fatos da vida que não podemos contrariar.

As patescarias nas ilhas da linda Baía de Angra nos pesados escaleres, as “farmácias” trazidas pelos familiares via “Pássaro Marrom” logo apreendidas pelos veteranos, o filé com fritas do Teófilo dos fins de semana, os trotes por vezes engraçados, os sempre ansiados licenciamentos para o Rio, papeletas e até bailéu para alguns, enfim são todas excelentes recordações.

1955

A Turma recebeu novos amigos que foram aprovados para admissão na Escola Naval, certamente num concurso muito mais pesado do que o prestado ao Colégio Naval. A integração foi rápida, e não existe diferença entre os veteranos e os novíços; que ótimo!

Viva a Marinha, viva a Turma José Humberto de Farias! Sustentamos o fogo e a vitória foi sempre nossa. Bravo Zulu aos amigos e colegas presentes e ausentes às comemorações dos 70 anos de Marinha, e lembranças de todos para os que nos deixaram. ■

Datas exatas da Turma JHF

- Embarque da maioria da turma cerca de 7h30, Cais da Bandeira do então 1º DN (Farias e outros “laranjeiras” chegaram a Angra dos Reis vindo de seus estados de origem).
- Chegada da Turma ao Colégio Naval, cerca de 14h30.
- Praça Especial de Aluno do Colégio Naval (14/4/1953).
- Praça de Aspirante (14/3/1955).
- Solene Juramento à Bandeira, às 10h (5/5/1955).

* Capitão de Fragata (Refº)